

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CARTA BRANCA A AUGUSTO M. SEABRA
2 de Junho de 2021

CINQ ET LA PEAU / 1982

Um filme de Pierre Rissient

Realização: Pierre Rissient / Argumento: Pierre Rissient, Lucie Albertini, Alain Archambault e Eugène Guillevic, parcialmente baseado em poemas de Fernando Pessoa / Direcção de Fotografia: Alain Derobe / Música Original: Benoit Charvet e Claude Danu Som: Lionel Crampont e Jack Jullien / Montagem: Marie-Josée Audiard, Mounira M’Hirsi, Sheherazade Saadi, Bob Wade / Interpretação: Féodor Atkine (Ivan), Eiko Matsuda (Mari), Gloria Diaz, Bembol Roco, Phillip Salvador, Louie Pascua, Joel Lamangan, Maki Matsumoto, etc. / Narrador em off: Roger Blin.

Produção: Les Films de l’Alma / Produtores executivos: Rolando S. Atienza, Jean-Claude Fleury, Serge Laski / Cópia digital (DCP), colorida, falada em francês com legendas electrónicas em português / Duração: 95 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Sessão apresentada por Augusto M. Seabra

Cinq et la Peau é um filme singularíssimo, a vários títulos. Na filmografia de Pierre Rissient (1936-2018) é-o, objectivamente e na prática: alguns anos antes do filme que vamos ver, Rissient ensaiara o primeiro passo na realização (ele que, na explosão da “nouvelle vague”, trabalhara como assistente nalguns filmes famosíssimos, nomeadamente o **À Bout de Souffle**), num filme chamado **Alibis** que nunca estreou por falência do produtor. Para todos os efeitos, **Cinq et la Peau** ficou como o único filme realizado pelo célebre cinéfilo, ex-crítico (na *Présence du Cinéma*, entre outras publicações), figura de proa dos “macmahoniens”, defensor do cinema americano e do cinema asiático, amigo e de certa forma mentor de, Lino Brocka, Clint Eastwood, Quentin Tarantino – estes dois últimos, diz-se, costumam enviar a Rissient montagens de trabalho de cada novo filme, à espera dos seus comentários, e no primeiro filme de Eastwood estreado depois da morte de Rissient, **The Mule**, lá figuravam, no genérico, um agradecimento e uma dedicatória.

Subjectivamente, continua a ser singularíssimo, mesmo que na sua essência esteja um jogo entre o singular e o plural. Este título, por exemplo: que são aqueles “cinco” e a “pele”? Há uma explicação para o título, que surge lá para o final do filme (e tem a ver com um vinho chinês), mas quando a explicação vem é quase um momento anti-climático face às hipóteses que até então, no desenrolar do filme, tínhamos pressuposto – umas brutais (e pensando no carácter brutalmente erótico que subjaz a todo o filme), outras mais delicadas. Como não pensar, num filme cujo texto se baseia parcialmente (mas preponderantemente) em poemas de Pessoa, na questão dos heterónimos (mais do

que apenas cinco, bem sabemos), de resto também mencionada pela voz off? A explicação do vinho chinês talvez não invalide nenhuma das outras, bem pelo contrário. Até porque em **Cinq et la Peau** parecem coexistir várias vozes – a voz do protagonista ficcional (Feodor Atkine), a voz do próprio Rissient, porventura outras vozes e cruzamentos de vozes. Inútil, no que à ficção diz respeito, praticar o “desencriptamento” autobiográfico: ele é um dado de base, a partir da experiência de Rissient nas Filipinas, onde viveu durante algum tempo, e adivinhar a que ponto a autobiografia ultrapassa o “dado de base” afigura-se razoavelmente desnecessário. Mas, em certos momentos, dir-se-ia “documentais”, na primeira pessoa, a voz do filme torna-se indubitavelmente na voz de Rissient: são aqueles segmentos dedicados a Fritz Lang, a Raoul Walsh (especialmente belo e elegíaco, este até pela morte de Walsh ser muito recente ao tempo do filme), aos vultos passados e presentes do cinema filipino (Lino Brocka, Gerardo de León). Aí, é, sem máscaras, a cinefilia de Rissient a tomar o microfone.

Esses segmentos “críticos” adensam ainda mais a natureza de **Cinq et la Peau**, filme que assim tem tanto de documentário de cinema, documentário de uma cidade (Rissient filma Manila admiravelmente, do centro da cidade aos paupérrimos arrabaldes), ficção dum “cosa mentale” (quase nunca saímos da cabeça do protagonista), aventura intelectual (as referências artísticas e culturais surgem frequentemente), périplo erótico por territórios perigosos, física e moralmente (há sequências de sexo particularmente cruas, até pela realidade social subjacente, e uma impressionante cena num night-club de Manila que é a expressão dum erotismo triste e deprimente). A voz “off” – num filme que não tem som directo, que “diz” os diálogos (quando os diz) por cima dos movimentos dos lábios dos actores – é um procedimento do cinema “noir”, que obviamente Rissient apreciava (e Otto Preminger, um dos “ases” dos “macmahonianos”, deu algumas masterclasses sobre o assunto), e é certo que a atmosfera furtiva, clandestina, nocturna, de **Cinq et la Peau**, reenvia para esse universo (mesmo que não haja nenhuma intriga policial, mesmo que não haja mesmo “intriga” de qualquer espécie). Mas esta separação claríssima – outra vez objectivamente falando – entre banda de imagem e banda de som que **Cinq et la Peau** pratica de uma ponta à outra também não passa sem lembrar certas experiências de Marguerite Duras onde essa separação existe da mesma maneira, **India Song** ou **Son Nom de Venise...** à cabeça. “Manila song” ou “o seu nome de Manila” são fórmulas que ocorrem ao espectador durante a projecção do filme de Rissient, por esse tratamento profundamente materialista da imagem e do som, e pelo resultado evocativo, quase etéreo, a exprimir na perfeição uma sobreposição de tempos (o tempo da imagem não é o tempo da voz) que esse trabalho propicia, e que é de algum modo “durasiano” (assim como a presença da música, onde entre os clássicos do jazz muito amados por Rissient e as canções populares filipinas se imiscui, de vez em quando, um piano que tem o condão de evocar o de Carlos d’Alessio). Também disto se faz a singularidade de **Cinq et la Peau**, um filme onde tudo parece ao mesmo tempo muito “real” e muito “imaginado”, como um sonho que se está sempre a interromper, como uma vigília que se está sempre a entorpecer.

E como Rissient escrevia pouco (“para quê escrever duas ou três páginas se quinze linhas são suficientes?”), e tendo em conta que já ultrapassámos as quinze linhas, paramos por aqui, passando ao espectador a aventura de descobrir, por sua conta e risco, estes cinco e esta pele.

Luís Miguel Oliveira